

# Uma viagem misteriosa sob a suástica para a floresta amazônica: Otto Schulz-Kampfhenkel e a expedição para o rio Jari 1935-1937

Volker Jaeckel<sup>1</sup>

So standen außer den Mauern des Dschungels unzählige Feinde –  
Treibholz, Fieber, Stromschnellen, Krankheit, Hunger – gegen den  
Menschensprengel, der sich vermaß, die Rätsel der Urwaldhöhle,  
der Tiere und Indianer des Jari zu lösen

Otto Schulz-Kampfhenkel, 1938

**Titel:** Eine rätselhafte Reise unterm Hakenkreuz in den amazonischen Regenwald: Otto Schulz-Kampfhenkel und die Expedition an den Rio Jari 1935-1937

**Title:** An enigmatic journey under the swastika into the Amazon rainforest: Otto Schulz-Kampfhenkel and the Expedition to the Jari River 1935-1937

**Palavras-chave:** Expedição ao Rio Jari; Viagens de investigação para a Amazônia; partido nacional-socialista no exterior; Estado do Pará

**Schlüsselwörter:** Expedition an den Rio Jari; Forschungsreisen nach Amazonien; NSDAP-AO; Bundesstaat Pará

**Key-words:** Expedition to the Jari River; Research trips to Amazonia; Foreign Organization of the National Socialist German Workers Party; Estate of Pará

## 1. Introdução

Há séculos a Amazônia atrai aventureiros, garimpeiros, missionários, mercenários e pesquisadores naturalistas. Desde a sua descoberta, “Amazônia” é uma palavra mágica que induziu muitas pessoas a cruzarem o Atlântico, entre estes, vários alemães. Alexander von Humboldt nunca chegou lá, porém Curt Unckel Nimuendajú viveu a partir de 1913 na Amazônia e realizou uma das investigações mais importantes da região. Aproximadamente na mesma época, o antropólogo alemão Theodor Koch-Grünberg trabalhava na bacia amazônica e inspirava com os seus textos, procedentes dos resultados de suas pesquisas, o romance *Macunaíma* de Mário de Andrade.

---

<sup>1</sup> Doutor em Estudos Literários pela Friedrich-Schiller-Universität Jena, Pós-doutorado na Universidade de Valencia em Comunicação Audiovisual, Professor Associado, Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Av. Pres. Antônio Carlos, CEP 31270-901, Belo Horizonte, MG, [volkerjae@yahoo.de](mailto:volkerjae@yahoo.de).

No presente artigo dirigimos nossa atenção a outro projeto alemão: a expedição ao rio de Jarí. Esta expedição durou 17 meses, desde 1935 a 1937, e se realizou com considerável esforço e apoio da organização do partido nazista para o exterior (NSDAP-AO). A viagem também foi patrocinada pelo ministério da aviação de Herrmann Göring, por várias empresas alemãs de grande porte, assim como pelo Museu Nacional no Rio de Janeiro, pelo Museu Goeldi em Belém e pelo governador do Estado do Pará José Malcher.

Ainda hoje se discute o valor etnográfico desta viagem misteriosa, para a qual foram enviados pelo governo alemão Otto Schulz-Kampfhenkel (chefe da expedição), Gerd Kahle (piloto), Gerhard Krause (mecânico de aviões) e Joseph Greiner (marinheiro contratado no Brasil). Por um lado, os resultados da expedição são reais, como dá testemunho o livro *Rätsel der Urwaldhöhle* (Mistérios do inferno da selva, em tradução livre) e o filme homônimo de 1938. Por outro lado, estão os interesses geopolíticos e militares dos alemães nesta área, que provocaram os alemães a experimentar novos métodos cartográficos para desenvolver novas posições estratégicas contra a França. As conjecturas, teorias, especulações e boatos sobre o interesse da Alemanha nazista numa região, hoje localizada nos limites do estado do Amapá com a Guiana Francesa, Suriname e o Estado do Pará serão objeto do presente trabalho.

## 2. Quem foi Otto Schulz-Kampfhenkel?

Otto Schulz-Kampfhenkel nasceu em 1910 em Buckow (Berlim) e morreu em 1989. Foi um geógrafo alemão, explorador, escritor e produtor de filmes que ganhou fama na época do nazismo. Jens Glüsing, correspondente da revista semanal *Der Spiegel* há várias décadas no Brasil, escreve sobre a infância de Schulz-Kampfhenkel em seu livro:

Quando era adolescente não tinha muitos amigos e preferia ocupar-se com os animais que capturava nas florestas e lagos perto de Berlim. Com apenas quatro anos aparecia em casa cheio de alegria com besouros e aranhas no bolso (...)

Um egípcio enviava ao estudante de 19 anos, que cursava em Berlim e Friburgo zoologia, lagartos, serpentes e sapos. Otto colocava os animais em terrários, que ele decorava com areia e pedras, imaginando que estava atravessando paisagens desertas e estranhas como investigador e explorador (Glüsing 2008: 48, tradução nossa).

Desta forma o autor evoca a impressão que Schulz-Kampfhenkel desde muito cedo sentia a vocação de investigador, explorador e aventureiro, pelo seu imaginário. Com 23

anos de idade fez a sua primeira expedição a Libéria, que deu origem ao volume intitulado *Der Dschungel rief...* (A selva chamou) em 1933.

Ele se afiliou ao Partido Nacional-Socialista (NSDAP) em 1934 e em 1935 começou a organização da expedição ao Rio Jari que o fez famoso e abriu as portas para outras missões especiais no exterior durante a Segunda Guerra Mundial. Desta forma, dirigiu desde 1943 a *Forschungsstaffel z.b.V des OKW* (Brigada de investigação para fins específicos do comando superior do exército), entidade que reunia vários cientistas para analisar imagens aéreas com a finalidade de elaborar cartas geográficas para fins militares.

Depois da guerra, Schulz-Kampfenkel se dedicou a produções de filmes documentários para o ensino em escolas. Ele fundou em 1962 o *Institut für Weltkunde in Bildung und Forschung* (WBF) que até hoje fornece materiais didáticos audiovisuais a escolas de ensino regular.

### 3. Os planejamentos da viagem

Segundo Füllgraf (2009), o lendário Curt Unckel Nimuendaju, que vivia em Belém e trabalhava para o Instituto Emilio Goeldi, foi convidado a dirigir a expedição, porém, ele rejeitou o convite porque desprezava o Nazismo. Desde 1910 dirigia Serviço de Proteção ao índio (SPI). Schulz-Kampfenkel menciona com frieza o encontro com Nimuendaju (Füllgraf 2009).

Otto Schulz-Kampfenkel, Gerd Kahle e Gerhard Krause zarparam no dia 13 de junho de 1933 de Hamburgo rumo a Belém, aonde chegaram na primeira semana de julho a bordo do navio *Agira*. Eles tinham saído da Alemanha providos com os mais modernos equipamentos existentes à época na Alemanha nazista: um hidroavião, barcos infláveis, aparelhos óticos, estojo para dissecação, equipamentos para fotografar e filmar, aparelhos para gravação acústica, várias armas de caça e munição. Entre os objetivos principais constava o mapeamento topográfico da bacia do Rio Jari. Para a realização do mapeamento deste afluente do Rio Amazonas, a expedição utilizaria um hidroavião *Heinkel-Seekadett 72* que tinha o trem de pouso substituído por flutuadores fabricados em madeira compensada.

Antes de chegar a Belém, Schulz-Kampfenkel foi apresentado ao então diretor do Museu Goeldi, Carlos Estevão, pelo Coronel Saelzer Netto. No momento da chegada dos alemães à capital paraense ainda faltavam as permissões necessárias para a

realização da expedição que deviam ser autorizadas pelo presidente do estado, pelo estado maior, pelo ministério da fazenda e pelo ministério de agricultura.

A expedição recebeu também o apoio de José Malcher (Governador do Estado do Pará) e do Museu Nacional no Rio de Janeiro, certamente por intervenção do embaixador da Alemanha Arthur Schmidt-Elstrop, que fez em maio de 1935 algumas declarações sobre os objetivos da viagem planejada pelos três alemães, citadas pelo jornalista alemão Jens Glüsing da seguinte forma:

Schulz-Kampfhenkel pretende testar a utilização do hidroavião para estudos científicos em águas equatoriais, explorar a fauna no alto Jary e recolher exemplares para uma coleção zoológica destinada ao Instituto Imperador Guilherme para Biologia em Berlim, realizar estudos etnográficos e geográficos, assim como produzir filmes culturais (Glüsing 2008: 46-47, tradução nossa).

Apesar do apoio recebido pelo diretor do Museu Nacional, Campos Porto, que esperava ganhar novos objetos de exposição para o museu, a imprensa brasileira mostrou-se hostil ao projeto de expedição dos alemães. Apenas após uma audiência de Schulz-Kampfhenkel com o presidente da associação brasileira, ele consegue também uma visita em 1935 ao diário *Gazeta de Notícias*, onde é entrevistado sobre os objetivos da expedição. No artigo resultante da entrevista com um redator ele é muito elogiado:

O Sr. Schulz-Kampfhenkel é uma expressão brilhante da moderna geração, essa geração que ora está surgindo cheia de vida e de coragem, disposta a levar de roldão todos os obstáculos que ainda estão entretendo a marcha da civilização. (...) Os seus resultados dos seus estudos do *hinterland* africano deram-lhe tal prestígio que o governo do Reich resolveu oficializar a sua próxima viagem ao Jary cujas derradeiras notícias científicas de 1891 e cuja maior parte permanece desconhecido da humanidade (“Nas vésperas da sua sensacional expedição ao Jary” *apud* Glüsing 2008: 56).

Observa-se o tom entusiástico da reportagem jornalística sobre um jovem vindo da Alemanha nazista que representa aqui para o redator do jornal brasileiro o progresso que deve ser levado para a floresta amazônica. Ao mesmo tempo ressalta-se a falta de conhecimento sobre a região em questão, devido à falta e à defasagem das investigações realizadas anteriormente. O repórter do diário mostra confiança na competência do jovem cientista alemão, que ainda está no Rio de Janeiro aguardando alguns documentos do governo brasileiro para poder iniciar a sua expedição.

Otto Schulz-Kampfhenkel explica a longa demora em conseguir as autorizações necessárias das autoridades brasileiras, procedimentos que duram até outubro de 1935, entre os quais destaca:

Gegenwärtige feindselige Einstellung ausländischen Expeditionen gegenüber auf Grund schlechter Erfahrungen mit amerikanischen Unternehmungen, die unter dem Mantel der Wissenschaft andere Interessen verfolgten.

Unterirdische Einflüsse französischer Kreise gegen die Genehmigung dieser deutschen Forschungsreise.

Auf Grund dieser Tatsachen geübte passive Resistenz der massgebenden Regierungsstellen gegenüber den Bemühungen der Deutschen Gesandtschaft (Carta de Schulz-Kampfhenkel de 05/12/1935 ao Reichserziehungsministerium [Ministério de Educação do Reich] *apud* OYUELA-CAYCEDO, FISCHER, DUIN 2011: 99).

Neste contexto devemos considerar as intenções e esforços de Henry Ford que tinha fundado no Rio Tapajós a cidade Fordlândia que seria o centro de um futuro império de borracha. Entre outros fatores foi a SALB (*South American Leaf Blight*) ou mal-das-folhas da seringueira que impediu que o projeto prosperasse.

Obviamente existia uma rivalidade entre os interesses geopolíticos e econômicos da Alemanha e dos Estados Unidos no Brasil, porém o governo brasileiro conseguiu durante um breve tempo manter a sua política exterior em equilíbrio no que se refere às relações com as duas potências.

Em 1935, Claude Lévi-Strauss e outros cientistas franceses encontravam-se em São Paulo a convite da Universidade de São Paulo e gozavam de um status muito privilegiado comparado ao dos alemães. Mesmo assim, os anos 1935-1937 eram o momento mais propício para uma expedição alemã no Brasil, já que depois da proclamação do Estado Novo em 1937 a política havia mudado e, em 25 de fevereiro de 1938 foi proibida qualquer atividade da NSDAP-AO. Graça Aranha, político com clara tendência pró-EUA, foi nomeado ministro de assuntos exteriores (OYUELA-CAYCEDO, FISCHER, DUIN 2011: 100-101). A realização da expedição aconteceu em uma época na qual o governo brasileiro tratava de manter um intercâmbio comercial intenso tanto com os Estados Unidos como também com a Alemanha, sendo os principais bens de exportação algodão e café, enquanto recebia armas e uma usina de aço dos alemães.

## 4. Alguns mitos sobre a realização da expedição ao Rio Jari

Um dos mitos criados pelos três alemães foi o do caráter pioneiro da expedição e de um inédito encontro com tribos selvagens ainda isolados. Nos anos trinta do século XX a área entre os rios Paru e Jari não era mais um território inexplorado, como Otto Schulz-Kampfhenkel queria fazer acreditar. Houve, anterior à dele (entre 1877 e 1925), outras nove expedições que investigavam aquela área. Acontecia também uma expedição ao mesmo tempo da expedição alemã. Um dos objetivos era o mapeamento da região do Jari numa escala de 1:10000, e, ao mesmo tempo, a coleção de dados etnográficos sobre os Wayana e os Aparai.

Grande parte da terra entre Paru e Jari se tinha transformado desde 1900 num enorme latifúndio de José Júlio de Andrade, que adquiriu um total de três milhões de hectares, onde houve o extrativismo de látex, andiroba e castanha do Pará.

Schulz-Kampfhenkel quer fornecer no seu livro e no seu filme *Rätsel der Urwaldhölle* a impressão de que, no caso dos Wayana e Aparai, e ainda mais com os Wayãpi, se tratava de grupos étnicos primitivos que viviam completamente isolados do resto do mundo. Isto não procede, já que eles tinham contato com a vila de Arumanduba que se desenvolveu para um centro logístico da região, onde uma dúzia de barcos transportava mercadorias e pessoas para Belém.

Deve se distinguir entre os mitos criados e divulgados pelo próprio chefe da expedição e aqueles postos em circulação depois do seu fim e da morte do cientista. Algumas teorias especulam sobre a intenção de estratégia militar que deu origem à ideia de explorar esta parte da floresta amazônica. Simone Quaresma Lima (2011) documenta que a iniciativa para este empreendimento não foi em nenhum momento do estado nazista, senão do próprio Schulz-Kampfhenkel e os materiais etnográficos e zoológicos coletados ainda hoje formam parte de importantes acervos do Museu Etnográfico de Berlim e do Museu Paraense Emílio Goeldi em Belém.

O mero fato de a expedição navegar pelo Rio Jari com a bandeira da suástica, que na época (outubro de 1935) era bandeira oficial da Alemanha, não é uma prova da intenção de conquistar ou ocupar terras estrangeiras na Amazônia.



Fonte: *Rätsel der Urwaldhöhle*, p. 56

## 5. Resultados da expedição

Em seu livro *Rätsel der Urwaldhöhle*, publicado em 1938 e com caráter de relatório sobre a expedição, Schulz-Kampfhenkel não deixa vislumbrar que houve também outras intenções além das mencionadas por embaixador e conselho científico da expedição ao rio Jari. O livro, que foi publicado em 1938 em uma edição com tiragem de 35 mil exemplares, é um dos resultados evidentes da expedição, no qual o autor deixa claro no posfácio a sua intenção:

Dieser Buchbericht bringt nicht die Ergebnisse unserer Forschungsreise, sondern ihr Erlebnis. Er wendet sich daher nicht an die Fachwelt. Dies wird nach Ausarbeitung der wissenschaftlichen Ausbeute Aufgabe einer besonderen, umfassenderen Niederschrift sein“ (Schulz-Kampfhenkel 1938: 207).

Mesmo assim, o autor menciona neste momento os resultados científicos, divididos em geográficos, zoológicos, e etnográficos, além do material audiovisual com 2700 metros de filme de 16mm e 2500 fotografias.

A película, produzida pela renomada UFA, constitui um documento visual interessante; menos em razão de seu conteúdo pseudocientífico do que como exemplo da popularidade dos documentários de teor popular na década de 1930. Este tipo de filmes sobre outros povos e culturas serviu para informar as massas, visto que estas produções contribuíram para divulgar ainda mais as ideias de cunho evolucionista e racista que sugeriram uma suposta superioridade do “homem branco”. Também em 1938, foi organizada, em Berlim, uma exposição que, seguindo os métodos e conceitos do filme, foi um grande sucesso na capital do Reich, seguida de outras duas em Leipzig e Stuttgart.

Schulz-Kampfhenkel deixa claro na sua avaliação geral, numa linguagem muito própria daquele tempo de expansão nazista, quais eram os avanços e proezas realizados durante a expedição ao Rio Jari:

Neben diesen fachlichen Ergebnissen wurden durch das Experiment des Flugzeugeinsatzes in äquatorialen Urwaldstromgebieten sowie durch die Erprobung einer Reihe technischer Geräte Erfahrungen im Hinblick auf künftige Unternehmungen gesammelt.

Das Gesamtergebnis, das die bei Antritt der Fahrt erstrebten und erhofften Ziele übertroffen hat, war nur durch die verschworene Kameradschaft unserer kleinen Stoßtruppmannschaft und durch planmäßige Arbeitsteilung möglich (Schulz-Kampfhenkel 1938: 208).

Entre os resultados da expedição consta também, segundo Füllgraf (2009), a filha de Schulz-Kampfhenkel com Macarrani, filha do cacique Aparai Aocapotu, que nasceu entre 1937 e 1938, batizada com o nome de Cessé e conhecida por “alemoa” por sua pele clara e olhos azuis.

## 6. Conclusões

Depois da Segunda Guerra Mundial, Schulz-Kampfhenkel teria falado nos interrogatórios do FBI num campo de prisioneiros perto de Salzburgo sobre novas técnicas de reconhecimento aéreo que teriam muita utilidade para fins militares e também para o descobrimento de riquezas do solo.

Considerando os fatos expostos anteriormente, podemos chegar a algumas conclusões sobre os intuítos da expedição de Otto Schulz-Kampfhenkel. Tratava-se de uma operação de claro cunho científico que possuía também um certo valor propagandístico e se encaixava em outras atividades nacional-socialistas realizadas em lugares distantes da Alemanha com o apoio do governo de Hitler naquela época, como a expedição ao Tibete em 1938.<sup>2</sup> Ao mesmo tempo pode-se afirmar que todas as teorias e especulações posteriores sobre intensões militares e expansionistas nazistas naquela expedição de 1935-37 são meras fantasias sensacionalistas.

A expedição encontrou o apoio do governo brasileiro e foi aprovado tanto pelo Conselho de Fiscalização das Expedições Artísticas e Científicas no Brasil (CFE), como pelo Estado Maior do Exército, após ter superado dificuldades iniciais. A política exterior de Getúlio Vargas procurava naquele momento manter boas relações com a

---

<sup>2</sup> Veja o artigo em *Der Spiegel*: <http://www.spiegel.de/spiegel/nazis-in-tibet-die-abenteuerliche-himalaja-expedition-des-ernst-schaefer-a-1140406.html>, acesso em 29/08/2017.



Alemanha nazista e ao mesmo tempo esperava resultados de valor etnográfico para os museus em Belém e no Rio de Janeiro, uma vez que não houve ainda empreendimentos nacionais deste tipo e com equipamentos semelhantes, por parte de cientistas brasileiros. Além do valor propagandístico comprovado, houve resultados na cartografia, além dos objetos etnográficos, levados para o *Völkerkundemuseum* e o *Museum für Naturkunde* em Berlim.

No território hoje formado pelo estado do Amapá, a expedição também teve o auxílio de José Júlio de Andrade, político influente e grande latifundiário na região do Jari. No Arquivo *Guilherme de la Penha* do Museu Paraense Emílio Goeldi em Belém encontram-se numerosos documentos que circularam entre Carlos Estêvão de Oliveira, diretor do Museu Paraense na época, e Rudolph Müller, encarregado do consulado alemão em Belém, a respeito das preparações da expedição de Schulz-Kampfhenkel.

Quem teve o maior benefício da expedição ao Rio Jari foi o próprio Otto Schulz-Kampfhenkel que coletou suficiente material para uma tese de doutorado defendida na Universidade de Würzburgo, além de ganhar fama e influencia na Alemanha, uma fama que ele conseguiu aproveitar ainda nos anos posteriores a Segunda Guerra Mundial.

Além do benefício para a sua carreira política, militar e de cientista, ele conseguiu ficar conhecido como curador de exposições e como palestrante em varias cidades da Alemanha, como documenta este aviso de uma palestra em fevereiro de 1938 com material audiovisual na cidade de Friburgo.



Fonte: *Freiburger Zeitung*, 5 de fevereiro de 1938<sup>3</sup>

<sup>3</sup> Disponível em <https://fz.ub.uni-freiburg.de/show/>

fz.cgi?cmd=showpic&ausgabe=05&day=05a&year=1938&month=02&project=3&anzahl=16, acesso em 29/08/2017

## Bibliografia e Filmografia

- ARENZ, Karl Heinz e LIMA, Simone Quaresma. Resenha de FLACHOWSKY, Sören & STOECKER, Holger (eds.). *Vom Amazonas an die Ostfront: der Expeditionsreisende und Geograph Otto Schulz-Kampfhenkel (1910-1989)*. Colônia/Viena/Weimar: Böhlau Verlag, 2011. In: *Revista Estudos Amazônicos* 11 (2), 2015, 233-244.
- FLACHOWSKY, Sören & STOECKER, Holger (eds.). *Vom Amazonas an die Ostfront: der Expeditionsreisende und Geograph Otto Schulz-Kampfhenkel (1910-1989)*. Colônia/Viena/Weimar: Böhlau Verlag, 2011.
- FÜLLGRAF, Frederico. Nazistas na Amazônia. A história dos alemães que desembarcaram no Jarí em 1935 para uma confusa e misteriosa expedição científica. Disponível em: <http://www.revistabrasileiros.com.br/edicoes/21/textos/554/> acesso em: 4 de março de 2017.
- GLÜSING, Jens. *Das Guayana Projekt*. Ein deutsches Abenteuer am Amazonas. Berlin: Ch. Links Verlag, 2008.
- Herrenmenschen im Regenwald*, ZDF-History Channel, 2011, 42 min. Disponível em : <https://www.youtube.com/watch?v=N2D2ekdCvh8>, acesso em 29/08/2017
- LIMA, Simone Quaresma. *A Expedição de Otto Schulz-Kampfhenkel ao Jarí (1935-1937)*. Monografia de conclusão do Curso de História, Belém: UFPA, 2011.
- OYUELA-CAYCEDO, Augusto, FISCHER, Manuela, DUIN, Renzo. Von “Herrenmenschen” und “Waldmenschen”. Die ethnographische Inszenierung der “Deutschen Amazonas-Jary-Expedition von 1935 bis 1937. IN: FLACHOWSKY, Sören & STOECKER, Holger (eds.). *Vom Amazonas an die Ostfront: der Expeditionsreisende und Geograph Otto Schulz-Kampfhenkel (1910-1989)*. Colônia/Viena/Weimar: Böhlau Verlag, 2011, p. 97-128.
- Rätsel der Urwaldhöhle*, dir. Otto Schulz-Kampfhenkel, UFA Film, 1938, 99 min.  
Um recorte de 9 min disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=cr0eXOtuMjs>, acesso em 29/08/2017.
- SCHULZ-KAMPFHENKEL, Otto. *Rätsel der Urwaldhöhle*. Vorstoß in unerforschte Urwälder des Amazonasstroms. Berlin: Deutscher Verlag, 1938.